

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda do Retiro

código
AVI – FO6 – TM

localização
Estrada de Barra Alegre – RJ-146

município
Trajano de Moraes

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

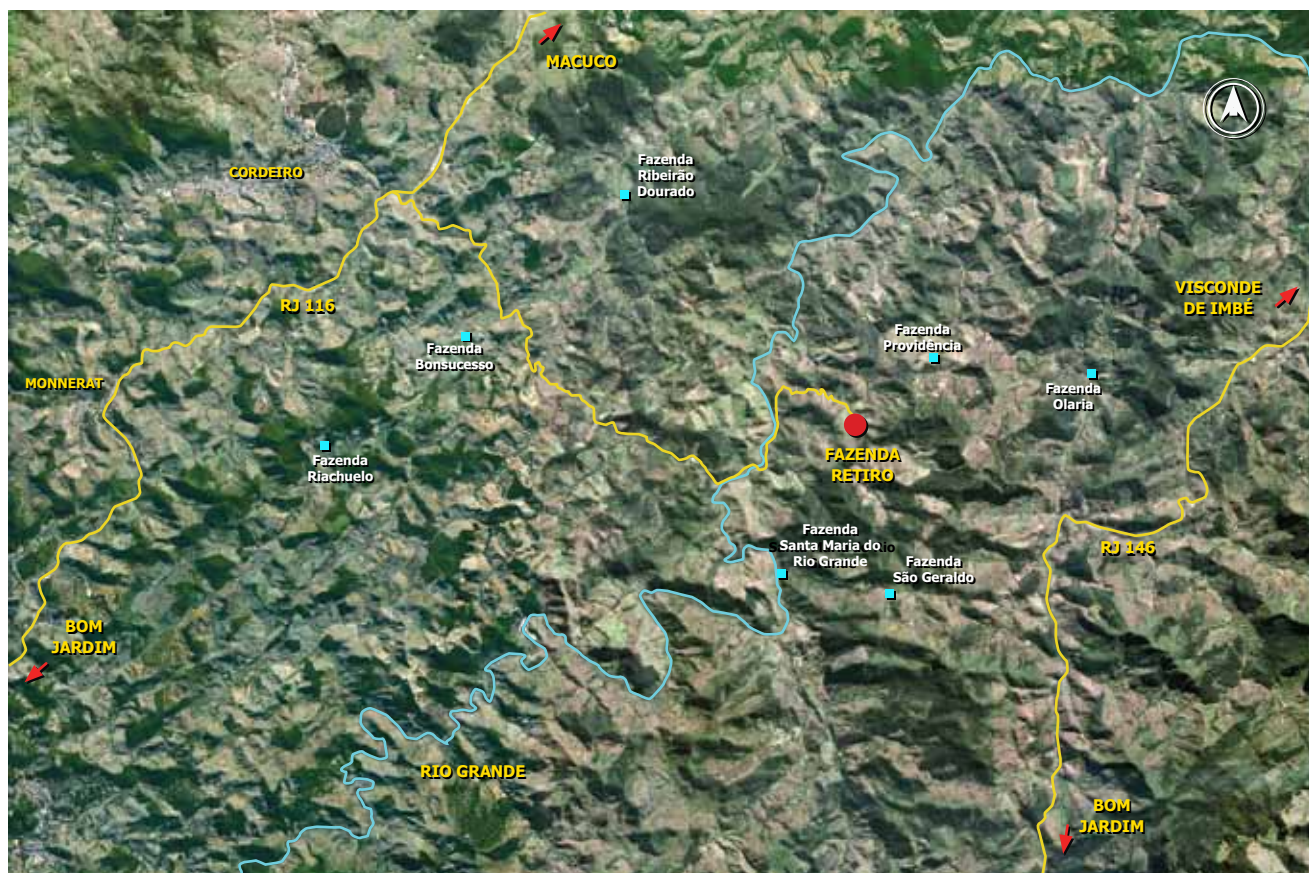
proprietário
particular



Fazenda do Retiro

coordenador / data **Francyla Bousquet – jul 2010**
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Roberto Grey**

revisão / data
Thalita Fonseca – set 2010



situação



ambiência

A Fazenda do Retiro localiza-se em área rural bem afastada dos centros urbanos vizinhos. O acesso à propriedade é feito através de estrada de terra batida bastante irregular. Há dois caminhos possíveis para chegar à estância, pela RJ-116, ou um alternativo pela RJ-146. O percurso mais recomendado é a partir da RJ-116, com entrada localizada após placa indicativa do município de Macuco, distante cerca de 15 km do ponto em questão. Essa preferência decorre dessa rodovia apresentar melhores condições de tráfego em época de grandes chuvas.

Ingressando na referida entrada, as indicações observadas são relativas à PCH Santa Rosa, central hidrelétrica que funciona distante do local do reservatório, tendo em vista o fato de que as turbinas são subterrâneas. Placas de sinalização ao longo do caminho servem de orientação para o visitante que deseja chegar à Fazenda do Retiro. A quinta placa, no entanto, que recomenda a travessia de uma ponte de concreto, não deverá ser obedecida, permanecendo-se à esquerda e seguindo em frente por mais 1,5 km, onde nova ponte transpõe o Rio Grande.

Entrando à esquerda após a travessia, a referência passa então a ser uma antiga igreja presbiteriana (f01), ali construída em princípio do século XX, e que surge à esquerda de quem vai para a fazenda, em nível bem abaixo da estrada. O próximo identificador é uma singela escola estadual, à direita (f02), após a qual se cruza um pontilhão e toma-se a direita, momento em que se avista o açude e uma edificação de serviço da fazenda (f03).



01



02



03

As terras dessa propriedade, como na maioria dos casos, sofreram sucessivos desmembramentos, reduzindo os limites originais para pouco mais além do que ocupa hoje o conjunto edificado. Este é representado apenas pela sede (f04) – que é o que restou de original nesse sítio –, além de uma garagem/depósito, de construção mais recente, erguida sobre parte do antigo terreiro de café (f05). Ainda é possível visualizar trecho do calçamento do terreiro (f06 e f07), bem como blocos do embasamento do grande engenho (f08), de dois pavimentos, antigamente ali existente.

A propriedade ainda apresenta dois pequenos pomares (f09) e uma pequena ceva construída com alvenaria de pedra seca (f10).

Dois córregos se desenvolvem junto ao núcleo dessa fazenda. Um deles, que corre pela lateral da edificação da garagem, justifica a existência não só do arrimo ali presente como também da posição escolhida para o antigo engenho (f11). O outro passa ao fundo da sede e exibe pequena cachoeira, a qual, possivelmente, servia para geração de energia local, tendo em vista o volume de água que por ali escoava (f12).



04



05



06



07



08



09



10



11



12

A solução de implantação da sede dessa fazenda é intrigante: apenas a fachada principal da casa se encontra apoiada sobre o platô através do qual se chega ao local (f13). A partir dessa empena, erigida sobre arrimo de blocos de pedra (f14), todo o casarão está apoiado sobre enormes pilares de alvenaria de pedra (f15 e f16) – que estabelecem uma espécie de pilotis –, os quais não apresentam qualquer preocupação com formato ou acabamento, corroborando a hipótese de que essa propriedade deve ser uma “fazenda de trabalho” e, portanto, de importância secundária e vinculada a uma sede maior. Alguns desses pilares exibem sinais de descontinuidade de acabamento (f17): segundo o proprietário, parte desse espaço formado sob a residência já teria funcionado como quarto para hospedagem de funcionários, em história mais recente.

A casa-sede, na verdade, é composta por duas edificações, articuladas por uma cobertura de transição (f18), solução que aponta para uma intervenção mais recente. A área da residência, propriamente dita, abriga a parte íntima e social, que se distribui em uma planta em formato de “L”. O segundo volume recebe os ambientes de serviço. Tais volumes não estão alinhados de forma paralela entre si, o que gera uma distância proporcional a um pequeno portão na fachada principal (f19 e f20), largura essa que vai se ampliando, formando um ângulo, até resultar num espaço suficiente para a instalação, nesse local, de banheiros (f21). Anteriormente, no entanto, essa área funcionava apenas como um corredor.



13



14



15



16



17



18



19



20



21

A fundação sobre pilares sofre uma modificação exatamente no ponto de transição entre os volumes, já sob a área de serviços (f22). Aqui a edificação está apoiada sobre espessas paredes, também em alvenaria de pedra seca extremamente bem executadas (f23), mas, desta vez, contínua e perfeitamente esquadrejada (f24).

Construção de pavimento único, os acessos a ela existentes estão na fachada principal – social e de serviço – e na fachada lateral direita, onde uma rústica escadaria em peças de pedra vence o pronunciado desnível entre a edificação e o solo (f25). O acesso social não recebe nenhum tratamento especial: apenas duas lajes de pedra em estado bruto (f26) alcançam a soleira da porta, que não possui nenhum adorno ou distinção.

Esse par de edificações é estruturado em esteios de madeira (f27), cuja paginação não obedece a nenhum critério racional, apresentando seus intervalos vedados com pau a pique. Sobre esse conjunto, apoia-se uma cobertura em telhas coloniais, de ponto alto e madeiramento de seções bastante próximas às atuais comerciais (f28), sinalizando possível intervenção já realizada.

As esquadrias acompanham o mesmo padrão de simplicidade percebido nos demais elementos arquitetônicos e construtivos, sendo diferenciados os vãos das áreas de serviço e social apenas pela inserção de gradil de madeira (f29). Afora essa peculiaridade, as folhas de portas e janelas são simples, em reguado de madeira, do tipo enrelhadas, não havendo presença de vidros (f30 e f31).



22



23



24



25



26



28



27



29



30



31

O interior da residência também é singelo: o largo tabuado de piso não apresenta desenhos ou sequer polimento. Os arremates também refletem a despreocupação com o refinamento, havendo emendas e mudanças de direção de paginação em áreas expostas (f32).

A ausência absoluta de forro só é contestada em um dos quartos mais ao fundo, onde a tentativa inocente de reprodução de uma rosácea central denota o esforço de conferir maior elegância ao ambiente (f33). No quarto ao lado também é possível ver um roda-teto em madeira que, segundo o atual proprietário, fixava um forro de esteira, já retirado (f34). Nesse mesmo cômodo, há indícios de pintura decorativa no rodapé (f35), acompanhando o estilo amador de execução identificado no teto do aposento há pouco citado.

Os amplos cômodos da área íntima e social (f36) apresentam uma organização pouco usual. A partir da sala de estar, por onde é feito o acesso principal, os ambientes se sucedem numa sequência tal em que é necessário passar pelo interior do primeiro para se chegar ao seguinte (f37), sem que haja um corredor de circulação longitudinal para a distribuição do fluxo. A compartimentação da casa é relativamente uniforme em termos de dimensão dos ambientes, com apenas duas exceções: a sala de TV, que originalmente formava um só ambiente com o quarto contíguo, e um pequeno espaço no centro da casa, hoje sem utilização.

A grande sala formada pela união da sala de TV e quarto (f38) tinha utilização original como sala de estar. Ali eram realizadas as celebrações presbiterianas, durante a construção da igreja já apresentada. Quanto ao pequeno cômodo no centro da planta dessa edificação, ventilado apenas pelo teto sem forro, conta o proprietário que há boatos de que ali eram postos de castigo os escravos rebeldes.

O espaço que abriga os serviços se situa em nível ligeiramente mais baixo que a área íntima e social da casa (f39). O primeiro cômodo ao qual se chega é a cozinha, que apresenta no forro de telha vã o escurecimento provocado por antigo fumeiro ali instalado (f40), estrutura destinada a cura de folhas de tabaco com o vapor do fogão a lenha, abaixo localizado. Os demais ambientes anexos se destinam à guarda de alimentos e material, tendo, ao final do circuito, a área de serviço, que possui forno a lenha (f41) – hoje desativado – e varanda aberta com piso em madeira, que distribui a circulação para o platô de acesso e para o nível inferior dos pilotis.

O plantio de tabaco nessa fazenda sucedeu a cultura da cana, voltada prioritariamente para a produção de rapadura. É possível que tal cultura justifique o porte da estrutura da fornalha existente na área de serviço, considerando a informação de que a fazenda foi grande produtora desse artigo até 1939, quando o governo Vargas, através do Decreto-Lei nº 1.831, estabeleceu rigorosos limites para a produção da iguaria, o que teria, então, tornado a produção pouco lucrativa.



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41

Observando as enormes estruturas de pedra que sustentam a edificação da sede, consegue-se visualizar a importância da figura do escravo nas construções dessas fazendas e na produção do Brasil de então.

A casa apresenta hoje uma série de graves problemas estruturais, incansavelmente tratados pelo atual proprietário, na medida de suas possibilidades. No entanto, as dimensões avantajadas, aliadas às técnicas construtivas não mais praticadas e pouco difundidas, dificultam sobremaneira a atuação corretiva, protelando assim a terapia que permite o avanço permanente das patologias.

Segundo conta o filho do proprietário, a cobertura do volume destinado aos serviços teria ruído em data recente, o que motivou a reconstrução dessa área de telhado. Entretanto, a observação aponta a estabilidade do telhamento como o menor dos problemas ali identificados.

A começar pelos pilares de sustentação, as pedras que os compõem já se encontram em estado de desagregação (f42 a f44), em função do ataque movido pela infiltração permanente de águas de chuva, aliado ao solo úmido e às prováveis cheias do córrego que passa ao lado.

Seguindo a cadeia estrutural, as peças de madeira que se apoiam sobre pilares e arrimos também se encontram em franca degeneração, movidas pela agressão impiedosa de cupins, pelo acúmulo de água ou, simplesmente, pelo movimento gerado pela falência das estruturas primárias (f45 a f49).

As alvenarias de pau a pique, destinadas à vedação mas sem função de suporte de cargas, por consequência, não têm tolerado a cadeia de renúncias estruturais (f50 e f51).



42



43



45



44



46



47



48



49



50



51

As rachaduras abrem passagem para a água, que rompe a camada de proteção, expondo o cerne da alvenaria, parte mais delicada do conjunto (f52).

A esse panorama são somados o enfraquecimento dos materiais pelo tempo, exposição e uso (f53 e f54), o desejo de manter, cuidar e adaptar, substituindo o antigo pelo moderno (f55), além da necessidade de manutenção permanente em áreas nem sempre de fácil acesso (f56).



52



53



54



55

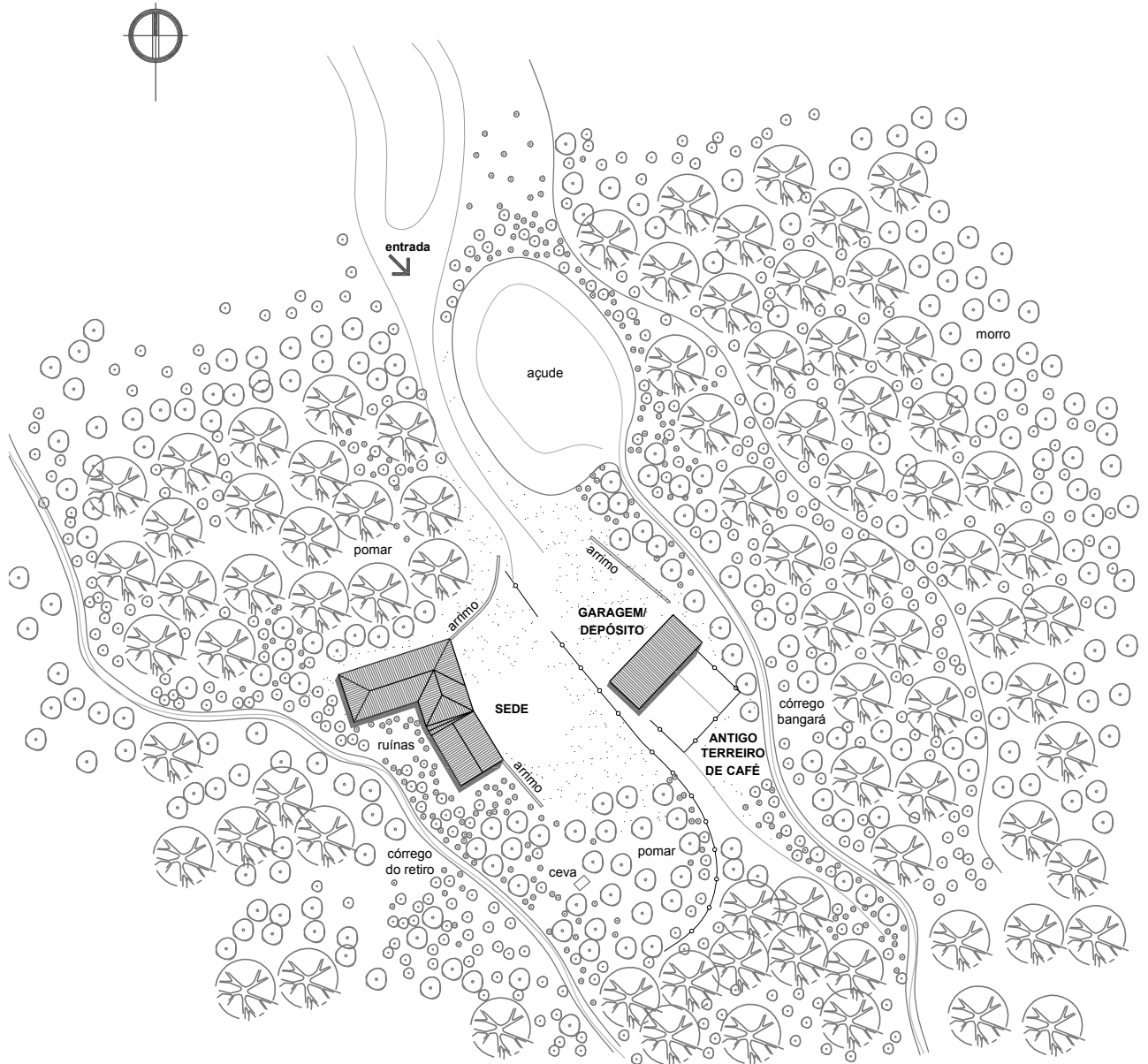


56

FAZENDA DO RETIRO

Observações:

1. A posição do açude nessa planta diverge da observada no Google, em razão da captura de imagem dessa área pelo satélite datar de 2003.



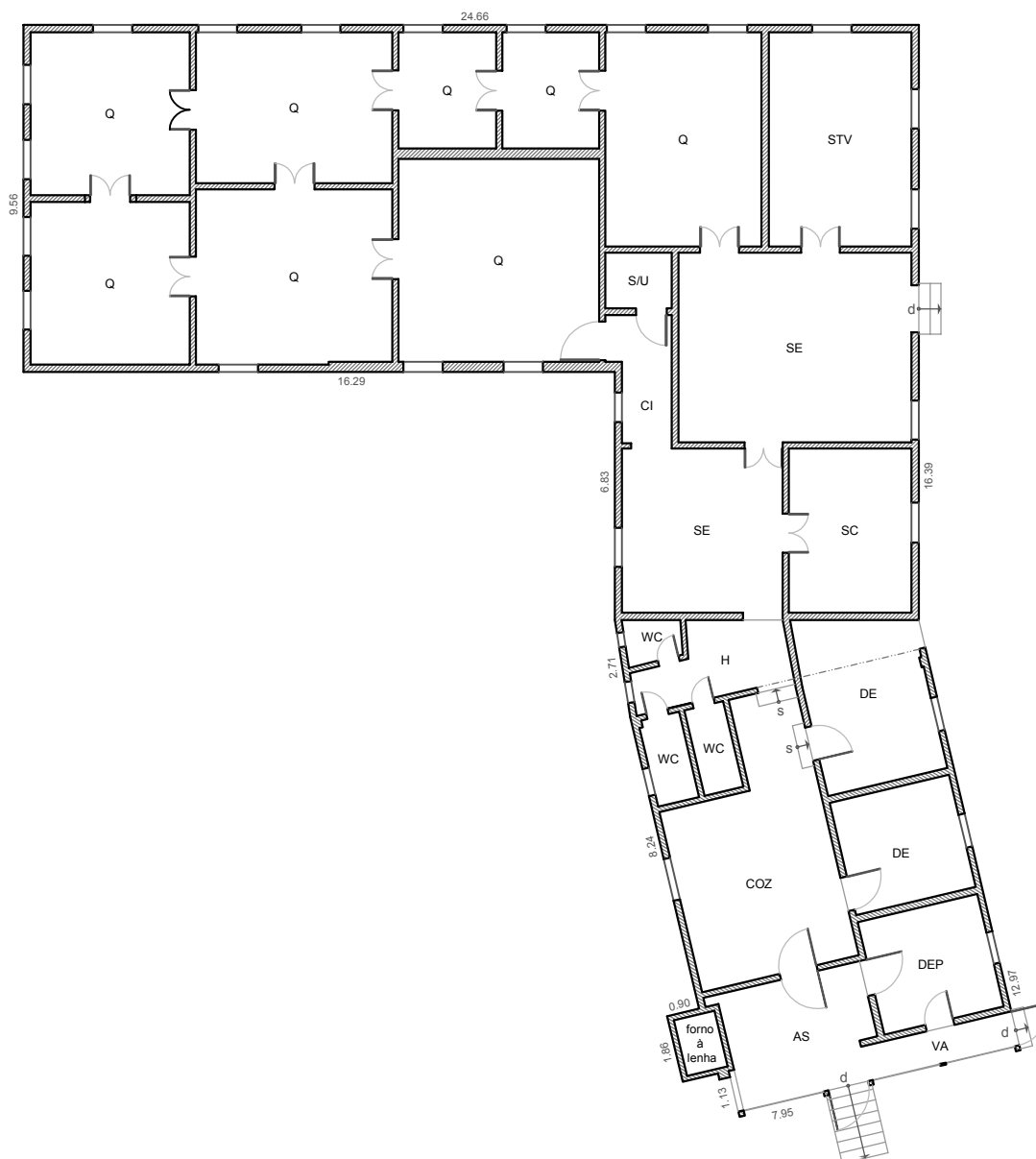
1 Implantação
escala: 1/1500



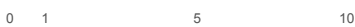
FAZENDA DO RETIRO

Observações:

1. O quarto e a sala de TV, localizados ao lado da sala de estar, formavam originalmente um ambiente único. Nessa grande sala eram realizadas as celebrações da igreja presbiteriana, durante a construção do edifício no início do século XX.



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/200



AL - alcova	CI - circulação	H - hall	DEP - depósito	SC - sala de costura	STV - sala de tv	alvenaria existente
AS - área de serviço	COZ - cozinha	DE - despensa	Q - quarto	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Ao que tudo indica, a Fazenda do Retiro fazia parte, de início, da sesmaria original de São João do Rio Grande, de Antônio Machado Botelho, vizinha à sesmaria de Santa Maria do Rio Grande, na margem direita do rio, de propriedade do barão de Duas Barras. Os conflitos a respeito de limites com o irmão mais velho, Antônio, tiveram solução judicial em momento posterior ao assassinato deste, em Cantagalo.

O primeiro proprietário do Retiro, em sua forma atual, foi Gabriel Rodrigues Campos, nascido em 1833, em Borgado, Porto, Portugal, que se casou, em 1861, com Constância da Silva, filha de Antônio Machado Botelho e Rosa Constância da Silva Leal, a qual somente depois de casada teria adotado o nome da família, passando então a se chamar Maria da Glória Botelho. Tudo leva a crer, portanto, que a Fazenda do Retiro teria se originado de uma parte desmembrada da sesmaria de São João, transmitida à família Campos por via de sua mulher, na qualidade de herdeira ou beneficiária de seu pai, Antônio Machado Botelho.

De todo modo, a fazenda permaneceu desde então na família Campos. Tem-se notícia que ela pertenceu, entre outros herdeiros, a Marçal Campos. As sucessivas heranças foram subdividindo a propriedade, a transformando numa instituição familiar de cunho coletivo. Hoje, a área que compreende a sede pertence a Alcides Campos Moraes.

Muito auxiliou este processo o fato de que, desde 1905, aproximadamente, todos os familiares haviam se convertido à fé protestante, pela pregação do vizinho da Fazenda São João, Feliciano de Moraes, descendente direto do barão de Duas Barras e grande avicultor, que viajara muito aos EUA em busca de ensinamentos agropecuários, e onde se convertera à fé presbiteriana.

Feliciano doou, em 1907, dois alqueires e tanto da sesmaria para a Congregação Presbiteriana do Retiro, onde esta construiu uma igreja com cobertura em forma de cruz, obedecendo a uma planta que ele trouxera dos EUA. A igreja foi inaugurada em 1910, sucessivamente restaurada, e ainda é o centro da vida social e religiosa do Retiro.

Bibliografia:

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense*. Editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.